



Petrolina (PE) através do tempo: um estudo sobre a formação política da cidade até os dias atuais

Simone Piletti Viscarra

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora Adjunta de Ciência Política na Universidade Federal do Vale do São Francisco e Coordenadora do POLITIK (Centro de estudos em instituições, participação e cultura política - UNIVASF). E-mail: simone.viscarra@univasf.edu.br

 orcid.org/0000-0002-8279-5980

 dx.doi.org/10.28998/rchv13n26.2022.0013

Recebido em 10/11/2021

Aprovado em 07/03/2022



Petrolina (PE) através do tempo: um estudo sobre a formação política da cidade até os dias atuais^{1*}

RESUMO

Petrolina (PE), à margem do rio São Francisco, é uma das cidades mais importantes do Sertão e com um dos maiores índices de desenvolvimento do Nordeste Brasileiro. Todavia, poucos estudos têm-se debruçado sobre sua formação política. Assim, o objetivo deste artigo é analisar e debater a obra “Transição Capitalista e a Classe Dominante no Nordeste” de Ronald Chilcote (1991), até hoje a mais completa sobre a formação do poder político da cidade em questão, e também empregando outros quatro trabalhos acadêmicos, sendo duas teses e duas dissertações, que dão continuidade ao debate promovido pelo autor sobre a formação política da cidade em questão. Adicionalmente, são analisados os dados oficiais das eleições municipais para prefeito desde 1988 no município. Dessa maneira, os dados e os materiais empregados permitem verificar se os argumentos de Chilcote, ainda, e em que medida são válidos e explicativos para compreender a formação política de Petrolina e, claro, como a cidade se estrutura politicamente em dias atuais. Assim, a pergunta norteadora do estudo é a seguinte: O desenvolvimento histórico político descrito por Chilcote serve para compreensão da atual formação política de Petrolina? Que mudanças e continuidades se observam no processo de constituição política da cidade após 1983?

PALAVRAS-CHAVES: Sertão; política; Petrolina.

Petrolina (PE) through time: a study on the political formation of the city until the present day

ABSTRACT

Petrolina (PE), on the banks of the São Francisco River is one of the most important cities in the Sertão and has one of the highest development rates in the Brazilian Northeast. However, few studies have focused on its political formation. Thus, the objective of this article is to analyze and debate the work “Capitalist Transition and the Dominant Class in the Northeast” by Ronald Chilcote (1991), to date the most complete work on the formation of political power in the city, employing four other academic works. two theses and two dissertations, which continue the debate promoted by the author on the political formation of the city in question. Additionally, official data on municipal elections for mayor since 1988 in the municipality are analyzed. In this way, the data and materials used allow us to verify whether Chilcote's arguments are still valid and explanatory in order to understand Petrolina's political formation and, of course, how the city is politically structured nowadays. The study's guiding question is: Does the historical political development described by Chilcote serve to understand Petrolina's current political formation? What changes and continuities are observed in the process of political constitution of the city after 1983?

KEY-WORDS: Sertão; politics; Petrolina.

* Agradeço a FACEPE pela bolsa BIA/2020-21 e à Bolsista Fernanda Emanuela Gomes Gonçalves pelo entusiasmo e dedicação na pesquisa.

Localizada no sertão Pernambucano, Petrolina se destaca pela qualidade de vida acima da média do nordeste brasileiro. Como exemplo, o IDH e o PIB com resultados superiores à média de crescimento do Nordeste². Ademais, Petrolina é considerada a melhor cidade para se viver no Nordeste³. Tudo isso somado a um desenvolvimento econômico que, desde 1930, chama atenção, sobretudo na exportação de frutas⁴ e produção de vinho⁵.

Regionalmente, Petrolina serve de apoio às localidades próximas que menores, carentes e distantes das capitais dependem dela para complementar o acesso da sua população a serviços e a produtos essenciais (saúde, educação, comércio etc.). Na esfera política, cabe destacar que seu eleitorado de 284.974 votantes registrados (TRE/PE, 2020) é o 13º maior polo eleitoral de Pernambuco, sendo a cidade um importante reduto eleitoral para os membros da elite local e para aqueles que visam à participação política estadual e federal.

A cidade nasceu, em 1895, quando existia no local um vilarejo habitado, sobretudo, por comerciantes cujo objetivo era se beneficiar da rota econômica existente por conta da localidade de Juazeiro (BA), na outra margem do rio São Francisco que, desde os tempos coloniais já possuía um sistema de travessia por meio de canoas e de balsas. Outro fator era, ainda, no século XIX, a existência de uma estrada e, na sequência, de uma ferrovia entre a capital, Salvador (BA) e Juazeiro. Assim, a futura “Petrolina” nasce planejada em um ponto estratégico para que os serviços e os produtos chegassem ao interior de Pernambuco e do Piauí.

Na sua formação, Petrolina apresenta forte viés religioso e agrário. Até 1970, a política da cidade deriva de um relacionamento intenso entre as famílias com poder locais como comerciantes e donos de propriedades rurais e membros da igreja católica. Na economia, predominava o latifúndio cujos proprietários, coronéis na definição de Nunes Leal (1948), eram os mais influentes nas decisões políticas locais. Ou seja, trata-se de

²Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/relatorios+-de-desenvolvimento-humano/rdhs-globais.html>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>

³Disponível em: <https://exame.com/brasil/emprego-e-qualidade-de-vida-as-100-melhores-cidades-para-se-viver-no-brasil/>

⁴ Destaque para Juazeiro (Bahia) na outra margem do rio São Francisco. Juntas, elas compõem o RIDE Petrolina e Juazeiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10296.htm. Sobre a produção de frutas informação em: <https://exame.com/brasil/com-frutas-para-o-mundo-petrolina-e-a-melhor-cidade-para-o-agronegocio/>

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/producao-de-uvas-e-vinhos-no-vale-do-sao-francisco-uma-historia-que-comeca-na-decada-de-1960.ghtml>

uma localidade que nasce política e economicamente fechada, vinculada à igreja e que se desenvolve rapidamente. Em 1930, ela já atraía a atenção do governo federal, fato que se ampliou constantemente com os anos. Isso ocorre, em especial, por meio da expansão da sua elite política local para cargos estaduais e federais, que atrai recursos à cidade e pela sua proximidade com o rio São Francisco que, num clima seco, quente e pouco volátil, permite irrigação e desenvolvimento agrário.

Considerando isso, objetiva-se analisar o desenvolvimento político da cidade mais detalhadamente, assim, em termos metodológicos o artigo se divide em três momentos. O primeiro, bibliográfico, inicia com uma releitura do principal estudo sobre a formação política da cidade: “Transição capitalista e a classe Dominante no nordeste” (Chilcote, 1991), publicada em 1991 no Brasil. A relevância da obra está na diversidade e na qualidade dos dados, bem como nos documentos analisados, na metodologia que incluía entrevistas em profundidade com atores políticos locais, uma *survey* com seus cidadãos e, no período temporal analisado, abrange a formação política da cidade desde sua fundação até o início da década de 1980. A obra também descreve a cidade de Juazeiro (BA), localizada na outra margem do rio São Francisco, que tem responsabilidade pela escolha geográfica da materialização da cidade de Petrolina. Todavia, o recorte deste artigo se refere apenas à cidade pernambucana. A justificativa está na diferença entre as duas cidades, sendo necessário um estudo específico para cada uma.

Para verificar se os argumentos da obra ainda podem ser considerados explicativos para formação da cidade e de determinados aspectos que seguem até hoje, no segundo momento do artigo são apresentados os resultados de uma varredura bibliográfica sobre o tema nos repositórios das universidades brasileiras, na plataforma Capes e na plataforma Scielo. A pesquisa indicou que pouquíssimos trabalhos sobre o tema foram realizados nos últimos anos. Assim, optou-se por considerar as teses e as dissertações mais recentes que empregam, aprofundam e atualizam aspectos e dados do texto de Chilcote. Sendo estes: i) a tese de Thulio A. Moura de Aquino: “Caminhos do poder: Práticas políticas da família Coelho na cidade de Petrolina/PE, 1930-1947” (2011); ii) a dissertação de João Morais de Sousa: “As práticas do coronelismo: o domínio político dos Coelho em Petrolina/PE” (2001); iii) a dissertação de Ruyter Bezerra dos Santos: “Neocoronelismo aspersor e voto: Metamorfoses do coronelismo no sertão do São Francisco” (2003); e iv) a tese de Ruyter Bezerra dos Santos: “Nas sombras da família Coelho: a dinâmica de uma dominação política” (2013).

Por último, no terceiro momento analítico, para atualizar o debate e responder à pergunta que Chilcote faz, no seu último capítulo, sobre o futuro da cidade: “Tradição ou transição?” empregam-se os dados eleitorais, extraídos dos relatórios oficiais disponibilizados pelo TRE/PE de 1988-2020 sobre a prefeitura da cidade. Essas informações permitem verificar como está a situação da prefeitura local pós-democratização e se os *players* e os atributos políticos destacados por Chilcote seguem os mesmos ou se a cidade está caminhando para um momento de transição política pós-período militar.

Em torno dessas premissas, dentre as questões norteadoras deste estudo estão: O desenvolvimento histórico político descrito por Chilcote serve para compreensão da atual formação política de Petrolina? Que mudanças e continuidades se observam no processo de constituição política da cidade após 1983?

Para responder e promover esse debate, o artigo é composto por mais quatro partes, além desta introdução. A segunda seção apresenta os principais pontos da obra de Ronald Chilcote (1991); a terceira, os estudos atuais; na quarta, analisam-se os pleitos municipais entre 1988-2020. E, por fim, na quinta, as considerações finais.

A formação política de Petrolina/PE por Ronald Chilcote

Ronald Chilcote⁶ chega ao Brasil em 1967 e sua pesquisa vai até 1983. O intuito era verificar as implicações do capitalismo como modelo econômico em regiões do semiárido. Com base em dados primários, entrevistas e investigação documental, ele descreve Petrolina com uma estrutura econômica capitalista desde seu início, quando as relações entre comerciantes e trabalhadores eram dicotômicas e desiguais: detentores dos meios de produção de um lado e precariedade de acesso a bens básicos do outro. Segundo ele, os comerciantes locais perpetuam seu legado político, ainda no Brasil colonial, por meio do monopólio do comércio, serviços e produção de insumos. Esse grupo era o dono das grandes propriedades rurais, os “coronéis” e representavam o papel político da cidade na ausência de leis e na fiscalização federal efetivas. Chilcote, via Victor Nunes Leal (1948), define o sistema coronelista como um modelo de “compromisso” cujas características são o mandonismo, o clientelismo, o patriarcalismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a violência política e a desorganização dos serviços públicos locais.

Chilcote não é adepto a determinismos, porém considera que o bioma local de pouca

⁶ Atualmente, Ronald H. Chilcote é Professor emérito na *University of California, Riverside*.

chuva, fortalece o cenário político-social coronelista. A “casa grande” ou a “grande propriedade” servia de banco, cemitério, hospedaria, escola, casa de misericórdia e de amparo aos carentes⁷. Adicionalmente, os coronéis compravam as posses e a mão de obra dos mais pobres que, na busca por sobrevivência frente ao clima hostil da região, se submetiam a valores indignos. Mesmo marcada por esse subdesenvolvimento nas comunidades locais, em 1930⁸ Petrolina já era um “polo de desenvolvimento”. A lucrativa monocultura nas mãos de grupos específicos, a concentração financeira misturada à desigualdade na distribuição de renda, a mão de obra não-qualificada e o subemprego impediam a ascensão da comunidade como um todo e tornava a cidade um modelo de capitalismo de metrópole desenvolvida envolta numa periferia subdesenvolvida.

Antes de se tornar município, as famílias mais importantes em Petrolina foram as Cavalcanti, Coelho e Souza. Dos Souzas vem o primeiro prefeito: o Coronel Manoel Francisco de Souza Júnior, em 1893. Em fins do século XIX e princípios do século XX, a ênfase política recai sobre o coronel Antônio Correia Amorim, que aliado ao coronel Rabelo Padilha e com apoio de forças estaduais, reina por vinte anos. Para 1930, o governo Vargas amplia a presença da federação no município, corroendo parte do patriarcado local e obrigando a elite a se inserir na política institucional para manter seu domínio. Segundo Chilcote, o patriarcado local desse momento era constituído pelas famílias Amorim, Cavalcanti, Padilha, Coelho e Santana de Souza.

Os anos de 1930 são de consolidação política da família Padilha, com os genros do coronel Rabelo Padilha na prefeitura. Esse também é o período de expansão comercial e do prestígio do coronel Clementino de Souza Coelho. A família Ferreira Silva (Barracão) emerge nos anos 40 com o apoio dos Padilhas, além de ganhar espaço político como oposição aos Coelho. Após 1955, os Coelhos passam ao domínio da prefeitura e à atuação das demais famílias fica restrita à Câmara Municipal.

Em termos partidários, em 1930, surgem os primeiros partidos políticos na cidade: o Partido Democrático (PD) e o Partido Social Republicano (PSR) que, juntos, sob a legenda “Petrolina Unida”, abrigavam a elite política da época. Por essa legenda, são eleitos os membros de famílias tradicionais, entre eles os primeiros Coelhos a ocupar a câmara municipal, que sem viés ideológico definido representavam a estrutura burocrática centralizadora da política nacional, uma vez que a coalizão PD/PSR era

⁷ Informações no programa *Fim de Noite Com Você*. TV Nova Nordeste. 2013. (01h:40s). Disponível em: <https://youtu.be/3sC2N3XfEpE>.

⁸ Acervo disponível em: <https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>.

estritamente ligada a Carlos de Lima Cavalcanti, interventor de Pernambuco nomeado por Vargas. Assim, Chilcote descreve que a elite local soube lidar com essa e com as mudanças constitucionais seguintes, pois até 1950, Petrolina não altera seu caráter político “familiar” e “fechado”, empregando laços de sangue e/ou casamentos como estratégia política.

Ao fim da primeira era Vargas, 1945, os partidos políticos existentes na cidade são corroídos e aparecem os seguintes: i) o Partido Social Democrático (PSD) - dominado pela família Coelho; ii) a União Democrática Nacional (UDN) - representado por João Barracão; iii) o partido Trabalhista Brasileiro (PTB); iv) o Partido Democrata Cristão (PDC); v) o Partido Republicano (PR); vi) o Partido Republicano Trabalhista (PRT); e vii) o Partido de Representação Popular (PRP). Apenas os dois primeiros são relevantes pelas famílias que representavam e, novamente, a dinâmica partidária era regida sem viés ideológico, ou seja, observa-se uma mudança na política normativa que não altera a estrutura de poder local.

Segundo o autor, o período militar entre 1964-1985 foi de consolidação dos Coelhos na prefeitura e de sua expansão política na esfera estadual e federal. Essas articulações ampliaram o poder orçamentário da localidade, promoveu a industrialização, as linhas de crédito, os projetos de irrigação e a infraestrutura da cidade. Dentre os principais exemplos destacados por Chilcote, estão a pavimentação da rodovia Petrolina-Recife, a construção de casas populares, a instalação da Comissão de Desenvolvimento Econômico do São Francisco (CODESF), a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF, antes SUVALE) e a operação da Usina de Sobradinho. Além disso, outro fator são as empresas Coelho, que por muito tempo empregaram uma grande quantidade de pessoas e significaram parte do exemplo de progresso local. Situação que reforça o nome do grupo na esfera política.

Tal cenário político e de participação da família Coelho em diversos desses empreendimentos, é, segundo Chilcote, resultado do planejamento, anos antes, do patriarca da família, Coronel Clementino de Souza Coelho. Avesso a entrar na política institucional, ele preparou seus descendentes para fazê-lo, seja via educação, casamentos ou ampliação do seu poder econômico. No período bipartidário (1966/1979), os Coelhos se vinculam à ARENA, partido governista e não sofrem pressão pelos demais grupos políticos locais, sendo Nilo Coelho a figura mais importante da família⁹. O MDB -

⁹Destaque para Nilo Coelho. Para mais informações, verificar:

oposição - ganha espaço apenas no fim do período militar, concorrendo à prefeitura e conseguindo um cargo na câmara em 1976.

Na economia, esse período acentuou as diferenças de classe. Os militares defendiam o modelo capitalista e o investimento estrangeiro, sobretudo norte-americano. Nas entrevistas de Chilcote, metade dos entrevistados indicaram que essa dinâmica era prejudicial, sendo positiva apenas para os grandes empresários, pois a abertura de capital facilitava a industrialização e a ampliação tecnológica desse grupo restrito e dominante. Na política, a elite local, simpática ao modelo oligárquico, possuía um senso de coletividade e fez pouca oposição aos Coelhos na prefeitura, focando na disputa de vagas na câmara municipal. Cientes do seu poder, os Coelhos disputaram cargos estaduais e federais e, em 1970, estavam presentes em todas as esferas políticas relevantes, resultando em verbas para investimento local em benefício da cidade e, sobretudo, na própria família, que adquire mais visibilidade e respeito junto à população. Todavia, o crescimento da família não evitou que, em meados de 1982/83, essa expusesse algumas “desavenças”, em especial, sobre a administração de suas empresas.

E, assim, Chilcote finaliza descrevendo a história da cidade como resultado de um ciclo de crescimento e decadência. A parte urbana cresce a olhos vistos, enquanto a rural segue num modelo de produção de práticas exploradoras que intensificam o desequilíbrio entre a renda da população e os investimentos públicos. A ascensão dos Coelhos trouxe verbas públicas para o desenvolvimento local¹⁰, mas não trouxe progresso à população mais carente. A infraestrutura estimulada pelo governo militar, entre eles a SUDENE e a CHESF, acarretam problemas para a população precária. A irrigação focava, sobretudo, nas terras pertencentes à elite e às construções ao longo do rio afetaram os meios de produção dos pequenos comerciantes. Petrolina cresce sem resolver seus problemas sociais mais graves. Em 1980, os problemas são tão intensos que organismos internacionais, como Banco Mundial, oferecem à cidade créditos a curto e a longo prazo para mitigar os efeitos da seca (Chilcote, 199, p. 304). Por fim, Chilcote questiona se para o futuro a abertura política do Brasil representaria um período de tradição ou transição para a cidade.

O contexto político de Petrolina após Ronald Chilcote

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496268>.

¹⁰ Destaque para a barragem de Sobradinho, os de irrigação (Bebedouro e Massangano - atual Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho) e a ampliação da energia elétrica para áreas rurais.

Para analisar os argumentos de Chilcote sobre a cidade, nesta seção, examinaram-se quatro estudos: duas teses e duas dissertações. A ordem de apresentação respeita a cronologia investigada em cada obra, desse modo não perdendo a cronologia da evolução política da cidade. Assim, a primeira é a dissertação de Thulio Aquino sobre práticas da família Coelho entre 1930-1947 (2011). Na sequência, a tese de João Morais de Sousa (2001) sobre as práticas coronelistas da família Coelho. Por último, os estudos de mestrado e doutorado de Ruyter A. Bezerra dos Santos que tratam sobre práticas políticas tradicionais, dominação e voto da família Coelho, publicados em 2002 e 2013. Cabe destacar que devido a histórica predominância da família Coelho na cidade, primeiramente na esfera econômica e depois na política é indissociável falar da formação da cidade sem debater sua trajetória. Logo, embora o foco desses estudos seja, na maioria, a família em questão, todos eles tratam de aspectos gerais da formação política da cidade que depende essencialmente da atuação dessa elite. Assim, as obras descrevem momentos específicos, a relação entre os diferentes atores políticos, características fundamentais e situações chaves sobre a formação política da cidade, lembrando que todos esses estudos empregam e dialogam com a obra de Chilcote.

Entre 1930 e 1947, a consolidação dos Coelhos, por Thulio Aquino

Segundo Aquino, os anos de 1930 a 1947 foram cruciais para a ascensão política futura da família Coelho e, assim, da trajetória da cidade. Para esclarecer isso, ele emprega obras e documentos acerca da família, da região, edições do Jornal “O Pharol”¹¹, entrevistas e um referencial clássico sobre coronelismo (próximo à usada por Chilcote). Segundo ele, entre 1930 e 1947, o Brasil passa por dois momentos políticos intensos: i) a ditadura centralizadora de Vargas; e ii) a abertura política de 1945, que valoriza o aparecimento dos partidos políticos. Até 1930, Petrolina era dominada por três famílias de comerciantes: Padilha, Barracão e Coelho, sendo a primeira a mais influente. Na Padilha, o médico Pacífico da Luz, que entrou no grupo por casamento, era o destaque, sendo prefeito antes e durante o Golpe. Em relação à João Barracão, esse chegou à cidade em 1920 e emergiu, politicamente, casando-se com um membro da família Sá. Fazendeiro defendia que o “progresso” estava ligado a terra, via latifúndio. Na redemocratização, em 1945, ele se aproximou da família Padilha que, na sequência, entra em acordo com os

¹¹ Acervo disponível em: <https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>.

Coelhos. A terceira família foi liderada por Clementino de Souza Coelho, herdeiro de um “minifúndio”, que ganhou notoriedade pelo seu rápido crescimento. Em 1920, “coronel Quelê” era o principal comerciante da região e forte presença política, todavia, evitava ocupar cargos, preferindo apoiar candidatos, angariar votos e preparar seus filhos para isso.

Em 1930, os Coelhos possuíam diversos negócios e era uma das famílias mais abastadas da região. Com Vargas, ela se adapta às diretrizes federais, valorizando a industrialização, ampliando o assistencialismo, atraindo a imprensa local, apoiando as causas trabalhistas. Assim, Clementino agiu diferente dos outros chefes locais, favoráveis à conjuntura latifundiária tradicional. Para Aquino, isso facilitou a consolidação econômica dos Coelhos, ampliou suas relações com todos os estratos sociais e fortaleceu o futuro político da família. Um exemplo da ampliação de apoio por parte da população carente via prestígio é observado na seca de 1932¹², quando Coronel “Quelê” formou frentes de trabalho a baixo custo em suas propriedades, transformando sua “boa ação” em lucro para seus negócios, criando um “aparente” caráter humanitário do chefe local e sua esposa.

Aquino também destaca o ano de 1937, quando Agamenon Magalhães, interventor do Estado de Pernambuco, incentiva o sindicalismo e politiza os cargos administrativos, de modo que todos estivessem comprometidos com o modelo imposto pelo Estado Novo. Assim, os Coelhos apoiam sindicatos e aproximam-se de Cid de Almeida Carvalho, redator de “O Pharol” e a principal líder sindicalista local. A aproximação com a mídia se consolidou em 1940, quando o “O Pharol” abandona os Padilhas e passa a apoiar os Coelhos. Em 1949, Geraldo Coelho, filho de Clementino, fundou o periódico “O Sertão”, para concorrer com “O Pharol”. Para Aquino, essas ações eram parte da estratégia da família para obter o apoio de todas as classes sociais. Assim, não há dúvidas sobre a Era Vargas como essencial para o futuro dos Coelhos, sobretudo em detrimento das ações do “Seu Quelê”, que exerceu um mandonismo tradicional e soube aproveitar-se do movimento de suspensão de eleições para garantir apoio popular via práticas assistencialistas e o fortalecimento de seus negócios.

O fim do Estado Novo, em 1945, impulsiona o aparecimento de partidos políticos. O que não traz mudanças nas diretrizes do poder local, apenas ressalta a força dos Coelhos

¹² Ver referência em: programa *Fim de Noite Com Você*. TV Nova Nordeste. 2013. (01h:40s). Disponível em: <https://youtu.be/3sC2N3XfEpE>.

que, em 1947, elege Nilo Coelho, filho de Clementino, como terceiro deputado estadual mais votado de Pernambuco e Gercino Coelho, seu irmão, deputado estadual pela Bahia, e mais quatro vereadores em Petrolina, todos pelo PSD. Logo, a derrota na prefeitura naquele ano, por 46 votos, para os João Barracão e Padilha não significou muito. A base da ascensão política da família estava consolidada. Os cargos estaduais e federais conquistados trazem recursos à cidade e geram apoio à família, tanto pelos demais grupos políticos locais como pela população.

Considerando isso, Aquino pauta em três os argumentos principais do período estudado. O primeiro é a relação entre posse de fortuna no controle do poder local e na implementação do coronelismo, galgado em relações patrimonialistas e patriarcais. Situação que explica, anos mais tarde, os motivos pelos quais os aspectos ideológico-partidários são deixados em segundo plano por parte dos políticos e da população. O segundo é a personalidade de Clementino Coelho, que soube estruturar os negócios da família e manteve sua hegemonia política sem necessariamente ocupar espaços políticos institucionais, abrindo caminho para os seus descendentes. O terceiro são as atividades econômicas da família em diversas áreas e que facilitava a criação de alianças políticas para além da cidade e estavam sempre próximas ou em concordância com o governo federal. Tudo isso somado ao abandono da região, distante de capitais e com um clima desafiador, explicam sua formação oligárquica-político-econômica, como defendeu Chilcote.

Em relação à Chilcote, classificam-se em três as diferenças: i) a formação familiar da cidade; ii) as relações descritas como unicamente patriarcais e iii) as posses de terras como grau de influência do coronel. No primeiro ponto, Aquino afirma que eram três as famílias mais relevantes na política, Barracão, Coelho e Padilha e não cinco, como argumenta Chilcote. Ou seja, apresenta um começo ainda mais oligárquico. No segundo, embora atuassem nos bastidores, Aquino destaca que as mulheres tiveram um papel significativo, sobretudo Josepha de Souza Coelho, matriarca da família que propiciava jantares e doações aos pobres, o que ratifica a imagem da família como um “governo próprio” em prol da diminuição das mazelas do sertão. No terceiro, ele elenca que o enriquecimento da elite gerou uma opressão aos menos abastados. A diferença em relação a Chilcote está na ênfase. Aquino ressalta que a dominação com base na posse foi muito mais intensa do que aquela descrita pelo pesquisador estadunidense.

Coronelismo como formação política, por João Morais de Sousa

A tese de Sousa (2001) analisa a continuidade do coronelismo em Petrolina com base nos seguintes pontos: i) poder simbólico tradicional e as relações afetivas em torno dos grupos dominantes do início, até os anos 2000 na cidade; ii) o desenvolvimento econômico da cidade, fortemente relacionado com a elite política local, iii) uso da máquina estatal por parte da elite local, que adquire cargos políticos estaduais e federais elevados, em especial entre 1960 e 1980; e iv) a proximidade da elite local com cargos públicos administrativos, como na SUVALE (hoje CODEVASF).

Petrolina possui um perfil político-econômico oligárquico desde seu início. Em relação a isso, Sousa apenas discorda de Chilcote no quantitativo das posses das famílias mais abastadas. Na dominação política local, ele afirma que até 1945 a dinâmica era mais aberta e que a eleição, em 1947, para prefeitura foi mais intensa do que a retratada pelo norte-americano. Após essa data, as eleições para prefeitura se tornaram mais fechadas, sempre com candidatos da família Coelho ou apoiados por eles. Cabe salientar o argumento de Sousa, próximo ao de Aquino, de que tanto na família Padilha, politicamente mais influente até 1930, como nos Coelhos, as mulheres eram parte da estratégia política. Todavia, isso ocorria dentro de uma estrutura burocrática, servindo de pilar para aproximação e para negociação entre pessoas e grupos políticos, pois nunca de fato elas ocuparam ou foram compreendidas como entes políticos relevantes, mas apenas como parte da estratégia. Na Padilha, o casamento era a única alternativa para a manutenção da família na política, pois a maioria dos filhos do Coronel Rabelo Padilha eram mulheres. Suas cinco filhas se casaram com membros de famílias proeminentes: i) Antônia Amélia Padilha casou-se com o comerciante Otacílio Nunes de Souza, prefeito de Petrolina entre 1916-1919; ii) Bernardina, com o médico Pacífico da Luz (prefeito de Petrolina três vezes e deputado estadual) e iii) Maria das Dores Padilha, após a morte de sua irmã Bernardina, também se casou com o médico Pacífico da Luz; iv) Joana Padilha, com o negociante e major da Guarda Nacional, Alcides Padilha, prefeito de Petrolina entre 1922-1927; e v) Daria Padilha, com João Francisco de Souza Filho, prefeito de Petrolina entre 1927-1928.

Nos Coelhos, a ênfase recai nas ações assistencialistas nas terras/imóveis da família, muitas vezes, promovidas com dinheiro público, organizadas por Dona. Josepha, esposa de "Quelê" e conhecida como a "mãe dos pobres". Numa estrutura machista, Clementino estava em vantagem em relação aos outros grupos da elite local por ter vários descendentes homens: i) Adalberto de Souza Coelho; ii) Augusto de Souza Coelho; iii)

Geraldo de Souza Coelho; iii) José de Souza Coelho; iv) Nilo de Souza Coelho; v) Osvaldo de Souza Coelho; vi) Paulo de Souza Coelho; e vii) Gercino de Souza Coelho. Todos concorreram a cargos políticos¹³, além de participarem dos negócios da família. Adicionalmente, está o papel político-econômico do Coronel “Quelê”, que para Sousa era resultado do momento social e político do país, quando ter posses significava poder político. Diferente de Chilcote, Sousa considera que a inserção dos filhos de “Quelê” na política foi resultado do perfil dos descendentes, que optaram por isso e não como algo puramente estruturado pelo patriarca. Em relação às ações da família em âmbito econômico, pode-se dizer que são fruto de medidas protetivas. Almejando apoio de todas as classes sociais, eles faziam questão de enumerar suas “benfeitorias”, na maioria assistencialistas e de perfil capitalista. Outro fator que alimenta o poder simbólico e tradicional da família é sua relação com a igreja católica, descrita por Sousa de modo semelhante a Chilcote. Até 1970, esses grupos possuíam uma relação positiva. Contudo, por questões óbvias, a análise do norte americano termina quando há o afastamento entre esses grupos, em 1980. Relação que Sousa diz se reaproximarem 1990, mas não de maneira intensa, como antes.

Sobre a estrutura política e o desenvolvimento econômico, Sousa destaca que estes andam juntos, sendo a família Coelho o grupo proeminente desde muito cedo. Na esfera sociopolítica, está o “coronelismo” como estrutura histórica cujas características seguem existentes. Desse modo, ele concorda com Chilcote sobre as bases da formação do poder local como paternalista, clientelista e mandonista. Valores que são reforçados pela dimensão econômica dos Coelhos, de vasto poder empresarial, comercial e agrícola desde 1930. Para ele, esse grupo tinha o progresso como plano para alavancar seus negócios. E, ainda, corroborando com Chilcote, Sousa afirma que, na prefeitura, os Coelhos nunca foram oposição aos governos federais, sendo a adaptabilidade política da família uma característica marcante.

No terceiro ponto, estão os cargos políticos da família em nível estadual e federal, sobretudo os de Nilo Coelho na ditadura militar, que trouxeram mais e novos recursos à cidade e reforçaram o nome e a tradição da família. No final desse momento, enquanto Chilcote destaca a existência de rugas e “desavenças” que poderiam indicar uma ruptura da família nos negócios, Sousa explica que o que ocorreu foi uma separação política. Ao fim dos anos de 1980, a cidade detinha uma competição política intrafamiliar

¹³Informações em: <https://www.tre-pe.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores>.

extremamente fechada para o cargo de prefeito. Assim, Sousa responde ao questionamento de Chilcote, “Petrolina está num momento de “tradição ou de transição?”, destacando que a situação pós 1983 é de continuísmo, com a manutenção de uma elite cada vez mais fechada e dominante.

A divisão política da família se estrutura assim: i) o grupo de Osvaldo e Geraldo Coelho, e Guilherme Coelho; filho de Osvaldo, mais à direita (PFL); e ii) o de Paulo e Fernando Bezerra Coelho, mais à centro-esquerda (PMDB). O conflito ocorre quando Fernando Coelho sai do PFL para o PMDB para ser deputado federal em 1986, ignorando as objeções do tio, Osvaldo Coelho, que também concorria ao cargo, pelo PFL. Ambos foram eleitos e a família passa a ter representantes no governo e na oposição. Na arena política local, se estabelecia um círculo fechado. A disputa pela prefeitura, desde 1988, passa a ser intrafamiliar, com dois candidatos da família em cada eleição. Então, o que Chilcote descreve como uma possível fraqueza, Sousa trata como ampliação de poder.

O quarto ponto é a ocupação de cargos públicos administrativos pela família Coelho entre 1964-1989. Nesse momento, houve um intenso investimento federal na região, entre eles a criação da Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), logo sucedida pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF). Essa organização pública de direito privado torna-se responsável pelo desenvolvimento da região, cujos projetos eram, em sua maioria, executados pelas empresas Coelho S/A. Com base nisso, Sousa justifica a manutenção e a complexificação dos valores coronelistas, dando continuidade aos argumentos de Chilcote.

Além desses pontos, cabe discorrer sobre as reformas constitucionais, sobretudo na ditadura de Vargas (1930-1947) e na militar (1964-1985), que tentaram mitigar ou vincular os poderes locais ao estado federal. Sem fazer oposição aos governos federais, o que acontece em Petrolina é uma modernização conservadora que cria “novos” coronéis. O Estado oferece à elite político-econômica local recursos para que esses exerçam seu paternalismo e clientelismo. Os “novos” coronéis seriam, além dos políticos tradicionais, os funcionários da tecnoburocracia que administram e executam os programas de desenvolvimento, como no caso da SUVALE/CODEVASF.

Em relação ao modelo de produção local, Sousa concorda com Chilcote ao afirmar que o capitalismo erodiu as outras formas de produção. O assalariamento precário amplia o controle da elite num contexto de valorização do voto, mesmo nos períodos militares. Até 1980, a fraude e a compra de votos eram comuns. Após essa data, isso segue de

maneira mais velada, mas ainda institucionalizada. Para 1988, via Carta Constitucional, deve-se considerar a autonomia administrativa e financeira dos municípios com a União, o que torna os polos eleitorais mais relevantes e reforça o assistencialismo para manter os cidadãos dentro de uma base de apoio. Segundo Sousa, isso conduz à sobrevivência e à permanência do coronelismo até dias mais recentes.

No que diz respeito às diferenças com Chilcote, estas pouco mudam os argumentos defendidos pelo norte-americano. A principal se refere à separação política da família, em 1980, a qual Sousa aponta como fortalecimento ao invés de desgaste do grupo. A análise de Chilcote termina quando essa ruptura ocorre, já a de Sousa continua por mais duas décadas, com informações que comprovam a manutenção oligárquica dos Coelhos.

Assim, o autor conclui que os Coelhos se desenvolveram devido à sua ascensão econômica e sua logística política de obtenção de apoio nos mais diversos segmentos, sobretudo de aliança com os mais fortes e dependência política com a população, permitindo a manutenção de fatores do coronelismo, agora chamado de “chefe político moderno”. Segundo Sousa, isso ocorreu porque o voto na cidade sempre se estruturou na lógica do “dar, retribuir e receber”. Ao votar, o eleitor está abatendo dívidas pelo que recebeu e, ainda, adquirindo um crédito para no futuro contrair mais (SOUSA, 2001, p. 162).

Essa lógica permeia toda a história da cidade, sendo ainda usada na região. A mudança, para os dias atuais, ocorre no uso da máquina pública, dos cargos administrativos e nos investimentos que movimentam os negócios locais¹⁴. Sendo hoje o voto o principal elemento do estabelecimento dessas relações clientelistas. Assim, a obra de Sousa finaliza descrevendo que não é possível separar a história da política da cidade das últimas décadas sem considerar o caminho traçado pela sua elite.

A trajetória da família Coelho, por Ruyter Santos

Entre 2002 e 2013, Ruyter Santos realiza dois estudos sobre a política de Petrolina. Na dissertação (2002) o foco era o coronelismo, na tese (2013) a dinâmica política da família Coelho no poder, tendo em vista que, desde 1950, falar da dinâmica dessa família da cidade é falar da política local. Ou seja, Ruyter dá sequência ao entendimento de que

¹⁴Isto pode ser verificado em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,com-bolsonaro-codevasf-incha-e-vira-estatal-do-centrao,70003709814>

o conhecimento da história da cidade depende das informações coletadas sobre sua elite política, sempre fechada e dominante.

No primeiro estudo, ele analisa a herança deixada pelos antigos coronéis, sobretudo de José Rabelo Padilha, que dominou os primeiros anos do município e Clementino Coelho, cujos descendentes estão no poder há décadas. Para ele, a manutenção de atributos coronelistas na cidade deriva da ocupação dessas famílias nos espaços políticos e administrativos, concordando com Chilcote e Sousa sobre a aquisição de cargos públicos ser o ponto de sustentação do poder local, com destaque na criação da SUVALE/CODEVASF, cujas ações serviram de moeda de troca para arregimentar votos e favores.

Em sua análise, Santos relata a decadência do coronelismo diante dos avanços da urbanização e da industrialização, momento em que a posse de terra não mais define a influência do coronel. O “neocoronelismo” se estrutura em diferentes fontes de poder, mas mantém as características de: clientelismo, familismo e apadrinhamento. Para ele, a imagem dos grandes “empreendedores” fez a sobrevivência política das velhas oligarquias. Os remanescentes das empresas Coelho são exemplos do “vanguardismo” familiar que buscou romper com a velha oligarquia latifundiária, mas que em seu cerne objetivava a manutenção do clientelismo e de conchavos político-econômicos, agora em aliança com empresários. Isso sustenta um patrimonialismo baseado na troca de favores em que a prefeitura é o principal espaço de atuação e a CODEVASF o órgão mais importante. Para manter o domínio político, os “neocoronéis” de Petrolina também contam com os canais de televisão e rádio, criados pela família. Outro apontamento é a política excludente do município, já que a dominação dos Coelhos praticamente exclui a possibilidade de oposição. Aqui, novamente, é destacada a ruptura familiar após a era militar, que para Santos não foi sinônimo de fraqueza. Uma vez que, desde então, concorrem à prefeitura mais de um candidato da família por eleição até 2012.

Na tese, Santos (2013) discorre sobre a dominação da família Coelho entre 1986-2012, considerando os conchavos políticos que, independente de siglas e de ideologias partidárias, moldaram a máquina política da família e dão continuidade à existência de características derivadas do passado coronelista da região. Com os anos, o poder local se torna “profissional” da política, combinando tradição e modernidade para manter seus interesses. Em décadas recentes, Santos destaca que além dos cargos políticos está o uso de cargos públicos empresariais por parte dessa oligarquia.

Em termos históricos, Santos não diverge dos demais autores, apenas enfatiza a legitimidade da dominação do clã Coelho por meio do voto. O autor destaca a rápida ascensão econômica do patriarca da família, Clementino, homem de pouco traquejo social e político, mas de espírito empreendedor que em 1920 já tinha uma base econômica sedimentada, o que garante a educação superior para os seus filhos, tornando promissora a inserção destes em cargos políticos futuros. Com o tempo, as demais famílias com poder político perdem espaço e em 1955 resta apenas a dominação dos Coelhos na prefeitura. O marco desse momento é 1947, quando há na cidade um embate marcado pelo aparecimento de partidos políticos (PSD, UDN/PDC/PL), o início da ascensão política de Nilo Coelho que, como “persona” política, controlava a nomeação do funcionalismo público local e de José de Souza Coelho (PSD), vereador mais votado no pleito. Isso resulta em novas alianças e minimiza a derrota da família na prefeitura para João Barracão (UDN/PDC/PL).

Nos anos seguintes, observa-se o crescimento político da família, em especial, com base em conchavos, como em 1951, quando eles não tinham votos suficientes, mas com o apoio do governador Agamenon Magalhães (PSD) estabeleceram um acordo com João Barracão, no qual este indicava o vice, mais cinco vereadores e Clementino, o prefeito. Assim, o major da Guarda Nacional, Ulisses Lustosa Pires de Carvalho, amigo de Quelê, é eleito, renunciando em 1952 quando na nova eleição venceu José de Almeida da Silva, sobrinho de João Barracão. Essa é a última vez que os Coelhos perdem a prefeitura.

No período militar, os Coelhos se fortalecem e em 1988 a divisão da família estabelece o primeiro embate Coelho contra Coelho na prefeitura. Além da divisão intrafamiliar política, já conhecida, Santos destaca a ruptura econômica da família em quatro grupos: um liderado pelo deputado federal Osvaldo Coelho (PFL), com apoio do deputado estadual Geraldo de Souza Coelho (PFL) e do comerciante Adalberto de Souza Coelho, um segundo com o industrial Paulo Coelho e filhos; o terceiro com o suplente de senador (PFL) e comerciante José de Souza Coelho e filhos, e o quarto com a viúva do senador Nilo de Souza Coelho, Maria Tereza Brennand Coelho e filhas. Ponto que corrobora com Chilcote sobre a divisão familiar mais no campo administrativo das empresas do que no campo político. Essas divisões eram acordos pessoais independentes de posição partidária. Assim, a terceira geração da família visa se consagrar na esfera pública, sobretudo política, e os desentendimentos acerca das indústrias levaram à extinção de quase todas as empresas. Na esfera política, a finalidade era não deixar surgir

uma terceira via de poder local. Desse modo, observa-se uma migração dos empreendimentos privados para os políticos que reforçam a hegemonia da família. E, como os dados eleitorais do TRE/PE enfatizam a estratégia funcionou.

Adiante, a tese descreve a trajetória de Fernando Bezerra Coelho que, segundo Santos, é a “persona política” de maior destaque depois de Nilo Coelho. Deputado estadual pelo PDS em 1982, Fernando é convidado pelo governador Roberto Magalhães (PDS) para a Secretaria da Casa Civil. Contudo, após um desentendimento entre eles, Fernando filia-se ao PMDB (enquanto Osvaldo segue no PDS) e, em 1986 e 1990, elege-se deputado federal; em 1992, prefeito de Petrolina (PMDB). Em 1994, deixa o PMDB e se abriga no PSB, ficando próximo do governador Miguel Arraes que, em 1997, o convida para Secretaria de Agricultura e, no ano seguinte, para ser vice-governador em sua chapa, quando ambos perdem para Jarbas Vasconcelos (PMDB). Em 2000, ele entra no PPS e, com a chapa PPS/PT, elege-se à prefeitura de Petrolina. Em 2002, Fernando Bezerra Coelho tenta ingressar no PT e, sem apoio, aproxima-se de Jarbas Vasconcelos (PMDB). Em 2004, Fernando Bezerra Coelho é reeleito prefeito de Petrolina (PPS) e, em 2006, apoia Eduardo Campos (PSB) para governador, cuja vitória o leva à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado. Em 2010, Fernando aposta no senado, mas o governador Eduardo Campos (PSB) não concorda e o deixa de fora da disputa.

Essa análise de Santos descreve Fernando como um político maleável, sem tradição partidária ou ideológica. Sua finalidade é formar alianças para manter o conservadorismo do sistema local e da prefeitura.

Os partidos pós-redemocratização fazem a família se reordenar. Os Coelhos precisam enfrentar os partidos de esquerda, sobretudo o PT. O que justifica parte da separação da família em dois grupos (Osvaldo Coelho mais à direita e Fernando Coelho mais à esquerda). Outro ponto é o governismo nas ações da família. Desde a ditadura militar de Vargas, eles se mantêm atrelados ao governo federal, independente de sua ideologia partidária. A família se posiciona de acordo com o partido que apresenta maior poder no governo federal, como em 1989, quando parte do grupo se aproxima do PFL e outra do PMDB, numa tentativa de se manter no movimento de direita do período militar e no de esquerda que surgia com nomes como Ulisses Guimarães (PMDB) e Luís Inácio Lula (PT). Isso foi assimilado pela elite local e a “3ª geração” Coelho, decidida a viver exclusivamente da política, se “profissionaliza” e se “moderniza” para manter-se no jogo, o que também é observado nos governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), cujas

coligações com o PFL permitiam a Osvaldo Coelho continuar sua liderança, sobretudo via controle de todos os organismos federais instalados na região.

No governo Lula, Fernando Bezerra Coelho (PMDB) fez o mesmo caminho e, na sequência, com a presidenta Dilma Rousseff, quando virou ministro da Integração Nacional pelo PSB, em 2011. Para prefeitura, 2012, ele lança seu filho, o deputado federal Fernando Filho (PSB), que perde para o grupo de seu tio, Osvaldo Coelho, principal liderança local da família¹⁵. O ambiente de disputa municipal não impede que Osvaldo se beneficie do poder do seu sobrinho no governo federal, que mantém cargos e verbas para o município. Para Santos, havia acordos políticos e partidários para garantir o poder familiar que, mesmo com desavenças, sempre sai vencedor, adquirindo participação no estado e no governo federal.

Sobre os intentos da oposição, Santos conclui que o maior opositor aos Coelhos em Petrolina foi João Barracão até 1955. Na sequência, praticamente, não há oposição municipal à família. A justificativa eram os cargos adquiridos por Nilo Coelho e as grandes obras promovidas pelo “Pra Frente, Brasil” da ditadura militar. Isso lhes deu sustentação no poder local, movimentou a economia e proporcionou emprego para sua clientela. A dissidência econômica e política da família em 1986 não afeta o poder do grupo, que segue elegendo vereadores. Partidos como o PT tentaram ganhar espaço, mas não prosperaram na cidade. Para Santos, a história deixa claro o pragmatismo e a profissionalização do poder local, que detém controle institucional que vai desde sindicatos, associações de bairros, chefias de órgãos públicos, times de futebol e mais uma infinidade de contratos.

Santos finaliza afirmando que nenhum acontecimento familiar, político ou econômico, abalou a eficiência da família, o que justifica estudar a realidade política da região, analisando o desenvolvimento e a articulação dessa elite. A ascensão dos Coelhos na cidade foi praticamente um processo “natural”. Afinal, eles seguem, para a população local, os pioneiros na industrialização, os grandes empreendedores e os políticos que modernizaram a máquina pública trazendo melhorias. Todavia, há que considerar o caso de Júlio Lóssio, que entrou para o grupo (2008) sabendo jogar com os limites impostos pela oligarquia local e, inclusive, exerceu uma posição autônoma na sua gestão em relação a família. Nesse momento, Santos caminha numa direção diferente, incluindo a possibilidade de um futuro político em que o domínio dos Coelhos pudesse ser diminuído.

¹⁵ Para mais informações sobre Osvaldo Coelho, verificar: <https://livraria.camara.leg.br/osvaldo-coelho>

Isso ocorre também devido à nova realidade partidária local: a interiorização dos partidos de esquerda, principalmente o PT. Desse modo, segundo o autor, a cidade passa por um período de modificação política, que poderia influenciar na dominação dos Coelhos, embora o grupo funcionasse de modo a manter seu eleitorado para além do período eleitoral, ficando sempre na lógica da reciprocidade para manter seu voto. Praticamente tudo na cidade está atrelado ao poder dominante local, isso porque com o tempo a família se dedica a política “profissional”, ocupam cargos importantes em órgãos públicos, secretarias e, inclusive, diretórios acadêmicos. Assim, a terceira geração da família, mesmo dividida, dedica-se exclusivamente à carreira política como melhor negócio para sobreviver, considerando sempre o clientelismo e a tradição como maneira de manter o poder.

Finalizada essa análise, a próxima seção emprega dados dos relatórios eleitorais das eleições locais desde 1988. A finalidade é verificar como a política local tem se comportado sobre a ótica do voto.

Cenário eleitoral de Petrolina entre 1988 e 2020

Para complementar o debate, foi construída a tabela abaixo, cujos dados correspondem às eleições entre 1988 e 2020 para o cargo de prefeito na cidade. Esta seção se justifica pelo debate traçado nas obras anteriores, que esclarecem o caráter elitista e oligárquico da cidade desde seu início. Cenário que os estudos mais recentes sobre a política da cidade direcionam para atuação de um grupo específico. Falar da política local, com base no que está disponível, é falar da prefeitura da cidade e seus ocupantes. Embora a dinâmica na câmara municipal seja mais intensa, é no executivo que ocorre a concentração do poder político local. Logo, o propósito aqui é verificar empiricamente como isso ocorre nas urnas em dias atuais.

Em 1986, houve uma ruptura intrafamiliar em dois blocos partidários dos Coelhos, como citado por Chilcote (1991), Sousa (2001) e Santos (2013). A divisão ocorreu quando Fernando Bezerra Coelho, ignorando as objeções do seu tio, Osvaldo Coelho, sai do PFL e filia-se ao PMDB para lançar sua candidatura a deputado federal. Osvaldo, que também concorria ao cargo, argumentava que a família não tinha eleitorado para eleger dois deputados federais. Ambos são eleitos em 1986, Osvaldo Coelho pelo PFL e Fernando Bezerra Coelho, pelo PMDB. Assim, a família passa a ter representantes no partido governista e na oposição, formando dois grupos de atuação política na cidade.

Entre 1988 e 2020, houveram nove eleições à prefeitura da cidade, dessas, seis apresentaram dois candidatos da mesma família por eleição, um de cada grupo. O que indica o interesse e a proeminência da família no executivo da cidade, cuja situação é o reflexo da sua atuação política na cidade. Em relação à divisão, o grupo 1 corresponde aos candidatos apoiados por Osvaldo Coelho: majoritariamente, com partidos à direita e centro do espectro ideológico (PFL, PMDB). Enquanto o grupo 2 é formado por candidatos apoiados por Fernando Bezerra Coelho, sobrinho de Osvaldo e filho de Paulo Coelho, com partidos de centro e centro-esquerda (PMDB, PPS e PSB). Destaca-se que, dentre todos os candidatos, dois que não eram de fato da família: i) Diniz Cavalcanti, empresário, outrora motorista da família, ii) Júlio Lóssio, médico amigo da família, que ocupou dois mandatos (2008-2012 e 2012-2016). Considerando isso segue abaixo os resultados por pleito.

Tabela 1 - Eleições para Prefeitura de Petrolina/PE entre 1988-2020

Eleição	Nº de candidatos em disputa	Grupo familiar	Partido do candidato e vice	Votos recebidos (%)	Situação	Total (%)
1988	4	1. Guilherme de Souza Coelho 2. Diniz de Sá Cavalcanti	PFL PMDB	48,47 46,86	1. Eleito	95,33
1992	3	1. Henrique Cruz 2. Fernando Bezerra Coelho	PFL PMDB	48,87 49,28	2. Eleito	98,15
1996	3	1. Guilherme de Souza Coelho 2. Diniz de Sá Cavalcanti	PFL PMDB	48,45 44,85	1. Eleito	93,30
2000	3	1. Eduardo de Souza Coelho 2. Fernando Bezerra Coelho	PFL/PMDB PPS/PT	32,17 62,38	2. Eleito	95,33
2004	3	1. Osvaldo de Souza Coelho 2. Fernando Bezerra Coelho	PFL PPS	32,17 62,38	2. Eleito	64,90
2008	3	Júlio Emilio Lóssio	PMDB/PSDB	59,54	1. Eleito	59,54
2012	4	1. Júlio Emilio Lóssio 2. Fernando Bezerra Coelho Filho	PMDB/PSDB PSB	45,26 32,51	1. Eleito	77,70
2016	5	Miguel de Souza Coelho	PSB/DEM	38,80	2. Eleito	38,80
2020	6	Miguel de Souza Coelho	MDB/DEM	76,19	2. Eleito	76,19

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do TRE/PE (1988-2020)

Na primeira análise, os dados descrevem a predominância da família Coelho no executivo municipal, cuja disputa de poder se concentra entre o grupo de Fernando Bezerra Coelho e o de Osvaldo Coelho até 2012, com exceção de 2008, quando o grupo de Fernando Bezerra Coelho não apresentou o candidato. Para 2016 e 2020, a família é representada por uma facção única. Com as mortes de Geraldo e Osvaldo Coelho, o grupo

é representado por Miguel Coelho, filho de Fernando. Vale ressaltar que, em 2012, Fernando indicou seu outro filho, Fernando Coelho Filho, derrotado por Júlio Lóssio, mas somente Miguel deu continuidade à disputa pela prefeitura. Dessa forma, a tabela evidencia o “coelhismo” como um movimento de dominação política que, apesar de oscilações de apoio, é o motor político da prefeitura, sendo as últimas décadas um período de continuidade àquilo que a revista *Veja*, em 1981, chamou de a “terra dos Coelho”¹⁶.

Outro ponto de relevância é a porcentagem de votos recebidos pelos candidatos da família desde 1988. Acima dos 90% até as eleições de 2000, a queda de apoio entre 2004 e 2008 ocorreu num momento de reposicionamento político dos dois grupos. Em 2008, o grupo de Osvaldo se aproxima do PMDB, anteriormente próximo ao grupo de Fernando Bezerra. Evidenciando a baixa preocupação ideológica e o continuísmo da família em se adaptar ao cenário federal, nesse período representado pelo PT. Contudo, o apoio a esses grupos nessas duas eleições superou mais da metade de todos os votos válidos.

Em 2012, o apoio à família cresce e é a última vez que ela apresenta dois candidatos. Com Miguel Coelho, a eleição de 2016 é a mais fraca e já posicionada ao centro-direita, todavia, esse foi um momento isolado em termos de apoio, pois para 2020 a família conseguiu 76% dos votos válidos (mesmo com mais cinco candidatos no pleito). Em outras palavras, o cenário atual é de continuidade de uma política local oligárquica, provavelmente baseada em valores históricos e econômicos, uma vez que o cenário indica que não há margem para competitividade com a família na prefeitura. Em relação aos partidos, observa-se que a família, sobretudo o segmento de Fernando Bezerra Coelho não possui um caráter ideológico definido, sempre se adaptando à postura política mais conveniente.

Nessa perspectiva, a configuração de disputa local, considerando os dados da prefeitura, indica a permanência dos atributos destacados pelos autores estudados. Claro que, atualmente, a cidade possui um modelo de comércio, de produção agrária e de intensificação de órgãos públicos mais complexos. No entanto, considerando a trajetória política da cidade e o cenário descrito na prefeitura atual, dentro de um sistema democrático e multipartidário, como o brasileiro contemporâneo, não resta alternativa para além de considerar que o que existe hoje na cidade é reflexo do seu passado. Em especial das escolhas feitas pela sua elite política, como apresentado na análise dos estudos investigados. Desde Chilcote até Santos, fica claro que a evolução econômica e

¹⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/>.

estrutural da cidade é reflexo da atuação da sua elite, que num primeiro momento era mais vinculada à esfera econômica e diversa¹⁷. Com o tempo, ocorreu um afunilamento político e as mudanças da cidade ficaram nas mãos de um grupo menor. A cada ciclo de tempo, é possível observar tais melhorias como a chegada de energia elétrica, os projetos de irrigação, a instalação de sedes de órgãos federais no município, a construção de centros educacionais, a construção de casas populares, a pavimentação de estradas e instalação de indústrias e a implementação de redes de comunicação. Situação essa que reforça um sistema cultural político de continuísmo e de forte vínculo entre eleitores e eleitos, das mais diversas formas. Com base na bibliografia empregada, o resultado dos dados eleitorais reflete um continuísmo político próximo a regiões interioranas e latifundiárias do país, em que prevalece a tradição familiar e a oligarquia como sistema de governo. Em outras palavras, o cenário atual é de fortalecimento e de continuidade daquele iniciado há décadas.

Considerações finais

A análise destaca que são pontuais as discordâncias dos autores em relação aos argumentos de Ronald Chilcote e que, atualmente, a cidade ainda vive sob um cenário oligárquico extremamente fechado. De modo geral, as diferenças entre os autores estudados são em relação à fonte dos dados quantitativos usados ou de ênfase. Ou seja, Chilcote produziu um documento sólido, pois as pesquisas acadêmicas posteriores aprofundaram e refinaram pontos específicos, tornando mais detalhada a ascensão do “coelhismo” desde o início da cidade aos dias atuais. Uma vez que ao tentar retratar a política local em épocas mais recentes às informações analisadas, aos textos e aos dados eleitorais, recaem ao monopólio exclusivo de um grupo específico sobre o executivo local. Por fim, os dados das últimas décadas esclarecem que essa família está mais que consolidada, uma vez que eles são o único grupo capaz de apresentar candidatura viável à prefeitura, mesmo com o aumento de partidos e de candidatos nos pleitos.

Isso é resultado de fatores como a conjuntura histórica da cidade, marcada por forte coronelismo, clientelismo, produção agrária de latifúndio e a intensa capacidade adaptativa de sua elite em termos econômicos, políticos e partidários¹⁸. Desse modo,

¹⁷ Isto pode ser verificado em: PADILHA, Antônio de Santana. Petrolina no tempo, no espaço, na vez. Recife: CEHM; FIAM, 1982. Biblioteca Pernambucana de História Municipal, 10.

¹⁸ Para mais informações, verificar:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2021/09/miguel-coelho-oficializa-entrada-no->

Petrolina segue um padrão de desenvolvimento próximo das cidades interioranas no Brasil e cuja consequência, como no caso da cidade, é a formação de uma dinâmica política cada vez mais fechada¹⁹. Hoje a família Coelho é resultado de um processo histórico que representa uma realidade para além da esfera local, com diversos de seus membros atuando em cargos estaduais e federais. Logo, após determinado momento, falar da formação da cidade é também falar da dinâmica de tal família, como os demais estudos e os dados eleitorais esclarecem. Isso inclui a transformação política e constitucional do país ao longo do último século. Petrolina tem origens oligárquicas que souberam se adaptar politicamente. Há sete décadas, a hegemonia Coelho na prefeitura do município demonstra sua capacidade de adaptação aos novos arranjos institucionais da política brasileira, utilizando-se dos mecanismos disponíveis à luz dos acontecimentos, como salientou Aquino (2011). Tudo isso combinado à sustentação de uma antiga máquina política que se utiliza dos recursos de órgãos estatais, como a CODEVASF²⁰, para retroalimentar práticas clientelistas ou em dias mais recentes, apoiando sob qualquer circunstância o governo federal, seja ele qual for.

Ou seja, ao fim da sua obra, Chilcote questiona como seriam os próximos anos da cidade, após a redemocratização do país. O que se observa neste estudo é a continuidade do elitismo na política local. Ou seja, a possibilidade de mudança de domínio, levantada por Chilcote e em alguns momentos, por Santos, não vingou. A cidade mantém uma postura política de fatores culturais, econômicos e históricos que reafirmam, perante a população local, as ações da sua elite. Assim, a história política da cidade e da família se aproximam e se confundem cada vez mais em anos recentes. Por fim, cabe salientar que compreender as obras estudadas neste artigo é também aprofundar os conhecimentos sobre a política no interior do Brasil e de uma parte significativa da política nacional. Além do mais, Petrolina possui uma significativa influência regional e seu modelo de formação é próximo ao de diversas cidades de médio e pequeno porte do interior do país.

dem-evento-contou-com-liderancas.html

¹⁹ Sobre o coronelismo e poder local no Sertão indica-se a obra SEREJO, Tereza Cristina Leal de. Coronéis sem patente: a modernização conservadora no sertão pernambucano. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979.

²⁰ Atualmente isso pode ser verificado em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,com-bolsonaro-codevasf-incha-e-vira-estatal-do-centrao,70003709814>

Referências

Acervo digitalizado do periódico “O Pharol”. Edições de 1910-1980. Disponível em:<https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>.

AQUINO, Thulio André Moura de. *CAMINHOS DO PODER: Práticas Políticas da Família Coelho na Cidade de Petrolina - PE, 1930-1947*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 121 páginas. Recife, 2011. Disponível em:<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7928>.

ARANHA, Carla. “Petrolina é a cidade com melhor qualidade de vida no Nordeste”. *Exame*, Macroplan. 09 de fevereiro de 2021. Disponível em:<https://exame.com/brasil/emprego-e-qualidade-de-vida-as-100-melhores-cidades-para-se-viver-no-brasil/>. Acesso em: 25/08/2021

BRASIL. *Decreto nº 10.296*, 30 de março de 2020. [Decreto Ride Petrolina-Juazeiro]. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10296.htm. Acesso em 16/12/2021.

CHILCOTE, Ronald H. *Transição capitalista e classe dominante no nordeste* – tradução de OLIVEIRA, Lélío Lourenço de. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

“Com Bolsonaro, CODEVASF incha e vira estatal do centrão”. Estadão, 10 de maio de 2021. Disponível em:<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,com-bolsonaro-codevasf-incha-e-vira-estatal-do-centrao,70003709814>. Acesso em: 25/08/2021.

Dados de Petrolina/PE. 2021. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2021. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>. Acesso em: 25/08/2021.

Decreto Ride Petrolina-Juazeiro. 2019. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10296.htm

LEAL, Victor Nunes. (1948), *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro, Forense.

MACIEL, Marco. *Nilo Coelho: o homem e o político*. Pronunciamento feito pelo Senador Marco Maciel - PDS/PE, no Congresso Nacional. 1984. Brasília, Senado Federal.

Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496268>.

PADILHA, Antônio de Santana. *Petrolina no tempo, no espaço, na vez*. Recife: CEHM; FIAM, 1982. Biblioteca Pernambucana de História Municipal.

“Petrolina: O país dos Coelho”. *VejaAbril*. Acervo. 25/02/1981. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em: 25/08/2021

“Petrolina se destaca na produção de uvas e vinhos”. G1. 27 de março de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/producao-de-uvas-e-vinhos-no-vale-do-sao-francisco-uma-historia-que-comeca-na-decada-de-1960.ghtml>. Acesso em 25/08/2021.

RODRIGUES, Ricardo José Pereira. *Oswaldo Coelho. Perfil Parlamentar 74*. Brasília, DF. Ed. Câmara. 2019. Disponível em: <https://livraria.camara.leg.br/osvaldo-coelho>.

SANTOS, Ruyter Antônio Bezerra dos. *Nas sombras da família Coelho: a dinâmica de uma dominação política*. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 183 páginas. Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13830>.

SANTOS, Ruyter Antônio Bezerra dos. *Neocoronelismo aspensor e voto: Metamorfoses do coronelismo no sertão do São Francisco*. Dissertação de mestrado para obtenção do título de mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 143 páginas. Ed. Livro Rápido, Recife, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1645/1/arquivo4945_1.pdf.

SEREJO, Tereza Cristina Leal de. *Coronéis sem patente: a modernização conservadora no sertão pernambucano*. Tese de Mestrado - História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1979.

SOUSA, João Morais de. *As práticas do coronelismo: o domínio político dos Coelho em Petrolina - PE*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2001.

TV Nova Nordeste. Programa *Fim de Noite Com Você*. 2013. (01h:40s). Disponível em: <https://youtu.be/3sC2N3XfEpE>. Acesso em 25/08/2021.